

Mauro da Silva de Carvalho

Professor de Psicologia da Universidade Severino Sombra (USS), Vassouras/RJ.

Proposta: Comunicação Oral.

ST4 – Modos de Subjetivação na cidade

**A Saudade do Rio e o Amor ao Público:  
Narrativas urbanas de uma cidade.**

Resumo:

Sob a égide do contemporâneo, corpos aturdidos são convocados a movimentar e a se manter em movimento. A cidade que surge destes anseios busca nas intervenções urbanas novas formas manter a perenidade do capital. O sonho da velocidade, no entanto, esbarra na morosidade da cidade histórica. A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, neste contexto, torna-se palco onde a tensão das intervenções urbanas, pautadas na restauração de um passado transformado em mercadoria a ser contemplada e consumida, e a insurgência das memórias e narrativas das ruas travam intensos combates urbanos, dando vida a cotidianos onde a dimensão trágica dos fazeres urbanos, seus atos de barbárie e criação, gestam urbanidades questionadoras e inventivas, capazes de por em cheque os sonhos de conforto gestados a partir da assepsia dos urbanistas contemporâneos. Romper com o aturdimento dos sentidos, colocar-se em relação a estes fluxos insurgentes e rebeldes, implica em gestar corpos capazes de se deixar afetar pela tensão dos combates cotidianos, misturando-se a confusão de corpos e prédios, pondo-se em relação as minúcias humanas/urbanas (re)inventando cotidianos prenhes de vida e criação.

Sob a égide do contemporâneo os corpos são convocados ao movimento. Impelidos pela velocidade, os ventos da urbanização re-invadem as ruas de São Sebastião do Rio de Janeiro<sup>1</sup>, abrindo caminhos no atraso na metrópole histórica, libertando-a do caos e da desordem urbana. Suas ruas estreitas, o calçamento em pedra, as antigas moradias e os corpos em desalinho que as habitam tornam empecilhos ao pelo desenvolvimento do capitalismo.

Convocados a nos movimentar - e a nos mantermos em movimento - a cidade torna-se um campo de embates onde a lentidão de ladeiras e estreitas ruas contrastam com os passos apressados de transeuntes aturdidos e sempre atrasados.

Para os urbanistas de outrora, sempre voltados ao futuro, intervir significava "botar abaixo" o caos e a desordem da história, destruindo tudo que não fosse moderno, inventando cidades sem passado. Culpados pelo passado perdido entre os escombros da urbe, os novos urbanistas buscam redimir sua culpa<sup>2</sup>. Para que nada mais se perca a história deve ser restaurada em todo seu antigo esplendor, para ser admirada e consumida por consumidores ávidos.

Buscando resgatar a história a beleza contemplativa da sujeira e degradação das ruas, operários qualificados invadem os espaços. Armados de delicados cinzéis e pinceis buscam retificar a história, retirando tudo que conclame da insurgência das memórias contidas nos pequenos fragmentos urbanos, privando dos espaços os passados negados ou esquecidos que deveriam ser evitado em nome do consumo.

A cidade sonhada pelos urbanistas do século XXI, voltada a manutenção de um passado perpétuo, visa transformar o espaço público em vitrine onde a história, transformada em objeto, é exposta pelas ruas, prédios e fachadas que brotam do caos.

Ignorando a grandeza dos projetos de restauração da memória, outros fragmentos de narrativas urbanas persistem e se insinuam pelos bares, restaurantes, ruas e parques. Sua persistência recusa a cidade da memória estetizada, produzindo tensões a tudo aquilo que se anseia estável, impregnando os espaços com sensibilidades não previstas, tornando visível em toda sua dimensão trágica os fazeres humanos, seus atos de barbárie e criação e também de insurgência e destruição, introduzindo aspereza ao toque suave de um contemporâneo asséptico.

Desvendar estes combates urbanos, repletos de tensão, implica em mergulhar nas suas entranhas, misturar-se as suas pedras, perder-se nos contornos de ruas e corpos, subverter a velocidade e, a "passos lentos"<sup>3</sup>, deixar-se seduzir por outras sensibilidades, dando forma à espaços prenhes de vida e criação, afirmando o público como espaço onde se articulam

---

<sup>1</sup> A gestão do atual prefeito César Maia e seus aliados políticos iniciou-se em 1994 e tem como iniciativa uma série de intervenções urbanas como o Favela-Bairro, Rio-Cidade e o de Corredor Cultura (ao qual nos referimos nesta apresentação) que visa restaurar o centro histórico.

<sup>2</sup> Jeudy : 2005

<sup>3</sup> Santos: 2005

fragmentos de memórias, histórias e narrativas num emaranhado infinito de combinações e possibilidades

Adentrar este cotidiano de tensão e criação implica na invenção de novas abordagens e metodologias<sup>4</sup> que implicam no rompimento da fronteiras entre sujeito e objeto de pesquisa. Ignorar tais regras e limites no permite afirmar uma outra relação com o urbano, transformando o os afetos que transpassam os corpos em fio condutor que conduz as análises e o caminhar numa metodologia. Diferente das abordagens tradicionais, esta busca inventar corpos onde a cidade se inscreve e se reinventa, produzindo resultados sujos e imprevisíveis, onde cada passo marca a mistura, mescla sujeito e objeto investigação, rompendo os limites, abrindo possibilidades infinitas de fabulações.

Assumir esta condição de caminhante implica em deixar-se perder na metrópole para reencontrá-la, estranhando a naturalidade dos lugares e tudo aquilo que chamam de natural, compondo e recompondo corpo-cidades a partir de sua indissociabilidade.

Ao caminhar pela cidade, cruzam-se constantemente fronteiras, atravessam-se territórios interpenetrados. O trajeto efetivamente percorrido (com afetividade) no chão é diverso daquele que se percebe num sobrevôo ou que se pode varrer com o olhar estrategicamente colocado, quando se mira do, alto de algum ponto seguro. Os passos do caminhante atento não costumam simplesmente uns aos outros pontos desconexos e aleatórios da paisagem. Ele arrisca, cruzando umbrais, e assim fazendo ordena diferenças, constrói sentidos, posiciona-se Arantes : 1994, p. 196.

A este contorno ainda inquietante de uma metodologia somam-se as palavras do poeta Fernando Pessoa; *“Vou pela rua afora, dorminhoco de minha vagabundagem folha. Qualquer vento me varreu do solo, e erro, como um fim de crepúsculo, entre acontecimentos da paisagem”* (Apud Viana 2006, p.113). Este caminhar de “passos lentos”, que se arrisca ao “cruzar umbrais”, “dorminhoco de uma vagabundagem folha” chamaremos de “Atitude Flâneur”.

Amante das multidões, o flâneur estudado por Walter Benjamin (1989) tem como propósito conhecer os sonhos do capitalismo por meio da experiência das ruas e galerias da Paris dos Boulevares do barão Hausmmam, misturando-se a multidão, fazendo dela seu lar.

O prazer desse personagem urbano vem do perder-se atento aos detalhes muitas vezes imperceptíveis aos transeuntes, compondo e recompondo cotidianos e memórias a partir dos fragmentos de uma sociedade marcada pelo esplendor da mercadoria no capitalismo.

Seu vagar dá vida à cidades que rejeitam o puro em si dos monumentos, recusam o fascínio das mercadorias e do entorpecimento dos sentidos, transforma a rigidez das estruturas em fragmentos que se misturam ao emaranhado de existências humanas. Atento às minúcias da vida cotidiana, perambula fazendo emergir sutilezas urbanas a partir dos entulhos desprezados

---

<sup>4</sup> Desenvolvida na dissertação de mestrado em psicologia da Universidade Federal Fluminense *A Saudade do Rio e o Amor ao Público: Almas consumistas e almas rebeldes da Lapa do desterro, defendida pelo autor no ano de 2006*

dando-lhes novos e imprevisíveis usos a partir das nuances, contradições, tensões, paixões e desatinos humanos/urbanos

Ao apostar numa abordagem inspirada por este personagem urbano nos permite transitar por outros Rios e, em especial, por lugares e bairros onde as tensões urbanas clamam ansiosas por parcerias, a espera de co-autorias capazes de narrar cidades que recusam o determinismo do capitalismo contemporâneo.

### *Lapa do Desterro...*

O processo de construção de uma paisagem pós moderna depende de uma fragmentação econômica de antigas solidariedades urbanas e de uma reintegração que está fortemente alterada pelos novos modos de apropriação cultural. A genialidade dos investidores imobiliários, nesse contexto, consiste e converter as narrativas da cidade moderna em um nexó fictício, uma imagem que é um grande embrulho daquilo que a população pode comprar, um sonho de consumo visual Zukin: 1996, p 205.

Em agosto de 2005 os jornais noticiavam o sucesso do primeiro grande investimento habitacional no centro da cidade depois de muitos anos. Um grande condomínio, o “Cores da Lapa” seria construído no local onde antes se encontrava abandonada as instalações de uma antiga cervejaria.

Ao invés do prédio fabril com sua alta chaminé, conjunto de prédios divididos em blocos; blocos em 688 apartamentos, apartamentos em plantas de 2 e 3 quartos. Por entre os conjuntos de prédios surgem, ao menos virtualmente<sup>5</sup>, alamedas e praças para poder caminhar sem ser incomodado e sem os riscos da violência da cidade; comemorar alguma data também é fácil, basta ir ao amplo salão de festas local ou até as churrasqueiras espalhadas; manter a saúde e o corpo em forma também é fácil: facilidades de um clube com SPA - piscinas abertas para o tempo quente e cobertas para os dias de chuva, salas de balé, fitness, quadra de esporte e muros para escalada; divertir-se também não é problema, basta se encaminhar ao espaço gourmet, ao cybercafé, aos cinemas, ao atelier e as pista de boliche.

A cidade migrara. A fronteira do bairro da Lapa não é mais a Cinelândia ou Santa Teresa. Seus limites encolheram; as divisas entre um lugar e outro não são mais os marcos geográficos da definição geográfica clássica, muito menos as aquisições feitas pelos lugares que incluíam e repeliam limites através dos usos e tradições. As divisas agora são outras, elas são definidas pelas grades dos prédios que abrem e fecham apressadamente para que os estrangeiros, vindo do caos e da balbúrdia do mundo exterior, não entrem. A Lapa tem os seus “encantos”, mas o contato deve ser em doses controladas. O bairro ganhava novas “cores”, tonalidades higienizadas

---

<sup>5</sup> Em 2006, período em que fora escrito esta narrativa, existia no local apenas placas anunciando o empreendimento. Nelas estavam pintadas várias cenas e fotos de um Rio idealizado boêmio, com imagens de homens negros e mulatos num bar, tocando pandeiro, bebendo cerveja, cercado por negras de bunda grande e lábios carnudos sambando ao redor. A descrição que segue foi retirada do site da construtora.

que traçam contornos de ruas, alamedas e blocos de apartamentos do condomínio. O “condomínio mais charmoso do rio, no mais carioca dos bairros”<sup>6</sup> fora totalmente vendido em menos de duas horas.

Mas o grande sucesso das vendas não foi por acaso. Espalhados pelos estabelecimentos comerciais, folhetos confeccionados pela construtora não anunciavam o empreendimento imobiliário: eles falavam das maravilhas do bairro boêmio, valorizavam o sua alma, o “espírito carioca”, escrevendo pequenas histórias sobre bairro, distribuindo mapas com as principais atrações do bairro.

Largado numa sarjeta da Rua Mem de Sá um destes pequenos cadernos me chama a atenção. Uma frase impressa na capa dizia “EU SOU DA LAPA<sup>7</sup> - Guia da Lapa: mais de 70 atrações”<sup>8</sup>. Apesar de querer me perder a Lapa me achara: sua sarjeta paria um guia para que eu não me perdesse por suas ruas. Mas o que significa ser “da Lapa”?

Do outro lado da Rua do Riachuelo um aposentado debruça sobre o beiral de um frágil sobrado, com suas janelas de tinta descascada que se equilibram sobre a rua, olhando para o terreno vazio onde outrora se erguia imponente o prédio que por tantos anos fora a extensão de sua casa. As mãos calejadas ainda lembram os dias entre os tonéis de alumínio que armazenavam a bebida amarela que tanto é fã.

Do alto de sua janela ele vigiara por anos o melancólico prédio. Por anos alimentou a esperança de não ter mais que pegar o trem lotado em direção a baixada fluminense. As décadas de abandono deixaram marcas no antigo prédio e não menos implacáveis foram os anos que maltrataram o seu corpo esquelético; corpo de velho que se arrasta lentamente pelo terreno vazio onde será construído o condomínio.

Nos últimos meses tivera as suas esperanças renovadas: novamente havia movimento dentro do antigo prédio. Operários trabalhavam freneticamente misturados ao pó das paredes demolidas para abrir espaço nas novas instalações. Em breve poderia largar o emprego de porteiro na Barra da Tijuca e os bicos de pedreiro na baixada, que complementam a pequena aposentadoria e voltar a trabalhar na fábrica. Segundo “Seu” Antonio, ele só tivera uma profissão na vida: operário. O resto era bico. Com o passar dos dias mais paredes foram ruindo e o som das britadeiras, outrora recebido com alegria, agora se tornava amedrontador. Aos poucos o prédio fora caindo, assim como as esperanças de voltar a ser operário. O valente prédio ainda resistia

---

<sup>6</sup> Slogan extraído do site da construtora na página de promoção do condomínio, no dia 6 de setembro de 2005

<sup>7</sup> Este movimento artificial fora criado apenas para sustentar a estratégia de marketing visando à venda dos apartamentos. No site as informações deixam claro que este suposto movimento (numa apropriação explícita do conceito de organizações populares, articuladas em torno de um objetivo comum, ou seja, sua intenção o era dar um caráter popular e espontâneo ao slogan promocional) visava construir a imagem de um determinado “tipo da Lapa”, atrelando a imagem de artistas, populares (como o caso do músico que há anos toca saxofone na entrada do metrô da carioca) e até mesmo a torcidas organizadas à vida do bairro.

<sup>8</sup> Mais informações sobre este “movimento” criado pela construtora podem ser acessadas através do site [www.eusoudalapa.com.br](http://www.eusoudalapa.com.br)

em alguns pontos, teimando permanecer em pé, mas a velha estrutura castigada pelo tempo não conseguiu resistir. Tombara. A antiga fábrica virou entulho e poeira.

Depois de várias décadas de espera, as serenes que anunciavam a troca de turno foram caladas para sempre. O espaço que por tanto tempo fora familiar deixara de existir. Restara apenas suas lembranças, um terreno vazio e o pó da demolição que entrava pelas frestas de sua janela.

Sua caminhada pelo espaço vazio é repleta de lembranças que mesclam corpos e memórias à cidade e introduzem texturas estranhas ao bairro histórico, feito nobre. As mãos enrugadas do pedreiro aposentado da baixada, em lentos e mágicos movimentos, erguem paredes no vazio; nas chaminés por ele edificadas brotam a negra fuligem das caldeiras alimentadas pelo suor de trabalhadores pobres e narram um cotidiano esquecido pelo guia do bairro boêmio.

Seus passos arrastados deparam-se com o anúncio gigante do condomínio. Lembra-se da rotina da guarita do prédio onde trabalha de onde assiste, invisível, a vida passar tão rápido nas autopistas que cruzam o bairro da Barra da Tijuca. O ritmado apertar de botões que abre e fecha portas de metal muito se assemelha as fotografias de antigas cenas urbanas penduradas nas paredes dos novos estabelecimentos que surgem no bairro onde mora. Nelas não há vida, suor, sirenes ou fuligem. As imagens congeladas pelo tempo não falam dos corpos exaustos de trabalhadores ao final do expediente, nem da negra fumaça que preenchia os cômodos do pequeno sobrado.

Os moradores do condomínio não se importam se escondido numa pequena guarita existe um homem. Para eles só existe o abrir e fechar das portas de metal. A presença de Seu Antonio é apenas um detalhe, somente lembrado quando as portas emperram ou não abrem na hora certa. Tal qual nos cartões postais pendurados nas paredes e expostos nos bares dos novos estabelecimentos, a vida do porteiro/operário se assemelha às formas corpóreas dos trabalhadores de uma cidade em preto e branco. Na metrópole idealizada pela estética, os contornos de trabalhadores exaustos se insinuam na invisibilidade, aparecem como penetras indesejáveis por entre as recordações do passado.

No guia da Lapa não havia nenhuma informação sobre a antiga fábrica. Existia uma outra no bairro, a Fundação Progresso, mas essa já havia se transformado em casa de shows. No pequeno texto ilustrativo, presente no guia, a citação de uma antiga samba “A Lapa está voltando a ser Lapa” e conclui, “alguém dúvida?”. As informações do livreto apontavam para os vários bares cenográficos, para restaurantes, escolas e monumentos.... nenhuma informação sobre o passado operário do lugar.

Um dos poucos que ainda se lembram desta outra cidade, Seu Antônio da Conceição pensa em se mudar. Nos últimos anos ele assistira de sua janela o bairro voltar a ser freqüentado. Durante os últimos vinte anos ele chega do trabalho de porteiro da Barra e sentado à mesa do pequeno buteco assiste a Lapa se modificar. Ele não tinha mais com que comentar as mudanças,

pois os antigos freqüentadores do pequeno estabelecimento não são mais os mesmo. Muitos dos amigos de copo da cervejinha do fim do dia foram embora.

A mudança trouxera prosperidade. Os imóveis se valorizaram e muitos venderam suas casas, outros, menos afortunados, foram expulsos pelos donos que passaram a reivindicar os imóveis para outros usos ou pelo aumento do preço do aluguel. Migraram para lugares mais tranqüilos, longe da confusão de pessoas e carros que passaram a fazer parte do bairro.

O progresso chegara apagando os rastros de uma cidade que se tornara desnecessária. Ninguém mais queria saber que o bairro boêmio também era dos trabalhadores pobres da cervejaria, que passavam os dias cobertos de fuligem dos fornos. Estranhamente o folheto não falava do que se tratava a propaganda. Se o objetivo era promover um lançamento imobiliário, então porque ele não descrevia as vantagens que o comprador iria adquirir? Na última página uma pista “Algo diferente está acontecendo na Lapa”.

Estamos de acordo em pensar que de agora em diante a singularidade está sendo produzida pelas mídias, pelos críticos de arte, pelos próprios artistas, que ela se trabalha, se concebe, se promulga... Ela nada tem de acidental, de imprevisível, ela é, como em uma campanha publicitária, o resultado que confirma uma notoriedade adquirida graças à estratégia de comunicação bem conduzida. Contudo, fica claro que, diante da uniformidade dos produtos culturais, a necessidade de distinção faz parte da gestão cultural. Jeudy, op.cit, p 144

Ao analisarmos atentamente o folheto e as indicações do sociólogo francês, fica claro que o produto que se deseja vender não era apartamento, ele é apenas um bem secundário. O que estava sendo vendido era a imagem do “mais carioca dos bairros”, ou seja, a “diferença” que estava “acontecendo” não dizia respeito às lembranças da rotina operária nem da vida na vila de casa dos funcionários da fábrica: a diferença era a própria memória do bairro transformada em bem cultural, objeto de propaganda que exaltava a “singularidade” do bairro.

Para uma boa gestão do patrimônio cultural tornava-se necessário exaltar o passado e as lembranças que poderiam ser traduzidas em capital, seja pela venda de apartamentos, seja pelo aumento de freqüentadores nos estabelecimentos. Logo o que estava sendo anunciado pequeno folheto do guia era o próprio bairro, o que se tentava vender era a imagem de um lugar onde uma determinada concepção de passado se transformava em bem cultural, um espaço singular, onde o conceito de “singularidade” enquanto imprevisibilidade e radicalização da alteridade cedia lugar a um outro onde as diferenças foram amansadas. Singularidade definida por comparação e oposição de valores cristalizados.

Neste processo os passados que não coadunam com o ideal de cidade histórica devem ser apagados, destruídos para que em seu lugar possam surgir os templos da memória, onde o passado sem máculas pode ser incensado e consumido sem questionamentos ou contradições.

Sentado à mesa do buteco, seu Antônio conta e reconta as mesmas histórias do passado fabril. Fala dos dias de trabalho nos tonéis de alumínio, lembra dos detalhes do prédio, recria a vila operária, ergue a fábrica com as memórias que narra, mesmo que não tenha mais operários à trabalhar nela. Sem o prédio seu trabalho fica um pouco difícil e trabalhoso, mas isso é o que

menos importa. O que preocupa o aposentado/porteiro/pedreiro de fim de semana da baixada fluminense é que pode chegar o dia em que não tenha mais a quem contar. Neste dia as paredes da fábrica ruirão para sempre, sem deixar rastros da vida operária do bairro boêmio.

#### Bibliografia

- ARANTES, A. *A Guerra dos Lugares: Sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço público*. Rio de Janeiro : Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº24, 1994
- BENJAMIM, W. *Charles Boudelaire: Um lírico no auge do capitalismo – Obras escolhidas vol. III*. São Paulo : Brasiliense 1989
- CANEVACCI, M. *A Cidade Polifônica: Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana..* São Paulo : Sudio Nobel, 1988
- COUTO, R. *A Cidade do Vício e da Graça :Vagabundagem pelo rio noturno*. Rio de Janeiro : Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998. (Coleção Fluminense, V.4).
- JEUDY, H.P. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2005
- SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2002
- VIANNA, H. Ternura e Atitude Blasé na Lisboa de Pessoa e na Metrópole de Simmel. InVELHO, G (ORG) *Antropologia Urbana: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar ed. , 1999
- ZUKIN, S. *Paisagens Urbanas Pós Modernas: Mapeando cultura e poder*. In Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, nº24, 1996.